



HOT FUSS
the killers

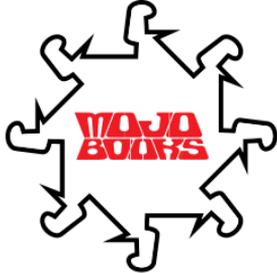
recontado por
TÚLIO BRAGANÇA



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

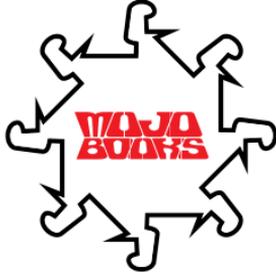
Danilo Corci
organizador



MOJO SPECIALS 04

HOT FUSS
the killers

recontado por **TÚLIO BRAGANÇA**



MOJO SPECIALS 04

HOT FUSS **the killers**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Outubro de 2007

1.

Com 28 anos meu pai já era o meu pai, trabalhava havia três anos na mesma empresa e ganhava um salário razoável. Tinha metade de uma casa e faltavam apenas 51 prestações para quitar a dívida toda. Além de tudo isso, também tinha um Corcel 0km, no qual ele, minha mãe e eu desfilávamos serelepes pela cidade.

Com 28 anos vivo numa *kitchenette* alugada na pior parte do centro da cidade. Trabalho numa locadora que mal paga meus gastos do mês. Ando de ônibus, a pé, de carona e nunca trabalhei na área em que me formei. Talvez a melhor coisa da minha vida neste momento seja não ter um filho. Seria um desastre. Também não sou casado. O máximo de adrenalina amorosa que recebo semanalmente é quando a Jennifer me manda uma mensagem pelo celular no fim de semana para combinarmos o que vamos fazer. Com 28 anos meu pai já era um pai, cabeça da casa, chefe de família. Com 28 anos, vou à casa dos meus amigos para jogar Playstation e comer Doritos.



2.



Saí cinco vezes com a Jennifer, amiga de uma amiga minha. Linda, tagarela, ótimo gosto musical, ótimo gosto para combinar as roupas e para escolher brincos. Também adorava o seu cabelo. Pensava que as coisas podiam realmente se tornar algo mais sério. Era uma questão de tempo para me apaixonar. Fomos a *shows*, trocamos CDs, fomos ao cinema, conversamos até altas horas da madrugada. Se eu não sentisse vergonha do meu emprego, do meu salário e do meu apartamento, quem sabe tudo tivesse saído de outra maneira. Se não tivesse escondido, mas demonstrado que ela realmente me fazia bem, talvez. Se eu não tivesse tanta vergonha de ela ter de me buscar de carro em casa, quem sabe.

Depois da quinta saída, tive de visitar minha avó lá no oeste do estado. Felizmente, está tudo bem com ela, a velha é forte. Quando voltei a Curitiba, dei um tempo e esperei o primeiro fim de semana para ligar e avisar a Jennifer de um showzinho que rolaria. É claro eu podia ter ligado pra ela logo na segunda, mas preferi me fazer de difícil e esperar até sexta.

Ceguei cedo no Kubrick, ainda vi a passagem de som da Poléxia. A Jennifer só foi aparecer na penúltima música do *show* e ainda veio com um cara a tiracolo. Como estava numa mesa com meus amigos, dei um “oi” pra ela de longe e só. *Blasé*, sabe como é, né?

A esperança era de que esse cara ao lado dela fosse *gay* ou um amigão desses apaixonadões bananas que não fizesse nada além de oferecer o ombro para ela chorar a mágoa de seus outros amores. Pois bem, eu estava errado. No final da noite, depois do *show* e enquanto eu tomava meu mojito e discutia os novos rumos da carreira solo do Richard Ashcroft, pude ver de camarote o beijo da Jennifer no cara.



3.



Sinto-me um idiota. Tenho raiva de mim. Sou um cretino que quer ver romance onde não existe. A sensação de saber que meticulosamente esperei quatro dias para avisá-la ela do *show*, de que só fiz a barba para me encontrar com ela, de que escolhi aquela camiseta exclusivamente porque a veria naquela noite é humilhante. Menos mal que nem tinha contado para meus amigos sobre a Jenny. Seria uma catástrofe se eles soubessem que convidei a menina para o lugar e ela apareceu com outro cara.

Garota louca. Linda, mas louca. Onde já se viu? O que passava na cabeça dessa doida varrida pra me humilhar dessa maneira? Humilhação silenciosa, mas humilhação.

Por que mulher bonita tem sempre de ser assim? Elas mereciam uma lição, um tipo de vingança por parte de todos os homens idiotas como eu, Rob Fleming e Nick Hornby. Na verdade, o mais idiota sou eu mesmo. Rob Fleming é um cara que não existe e Nick Hornby tem rios de dinheiro.

O fato é que não é só comigo que essas coisas acontecem.

Todo meu grupo de amigos já passou por isso. Tudo bem que a maioria agora está toda casada ou ao menos morando junto. Até o Nico, o guerreiro das madrugadas, juntou-se ao time dos juntados. É ridículo.

Felizmente ainda existe o *hippie* do Rods, e a Poli, projeto de melhor amiga sempre solteira e sempre buscando sair da solteirice.



4.

As pímulas não fizeram efeito. Os mojitos no Kubrick foram em excesso. Ver a garota que reunia minhas últimas esperanças beijando um cara mané foi demais para mim.

Passei na casa do Rods ontem para fumar um. O cara sempre tem, nem preciso pagar nada. Comemos Doritos e falamos merda vendo o canal infantil da TV a cabo. Liguei pra Poli e contei o que aconteceu, mas ela mal escutou porque tinha de se arrumar para mais um encontro.

A idéia de que a raça masculina precisa se vingar não sai da minha cabeça. Ando pensando umas coisas estranhas. Pensei no quanto seria bom me vingar por todos os homens, dando uma lição nessas garotas que não sabem o que querem e acabam nos fodendo. Imaginei dar uma entrevista para a Glória Maria no *Fantástico* sobre esse assunto. Só não consegui imaginar qual seria a vingança.



5.

Uma semana se passou. Lembrei da Julieta. Quando eu tinha 23, ela quis casar comigo, mas acabei terminando porque uma gostosa da academia estava me dando mole. No final, peguei a menina da academia, mas nunca mais vi a Julieta. Desde então nunca mais terminei com alguém, sempre terminaram comigo. Parece uma maldição. Sempre sou eu quem leva o pé na bunda. Que eu saiba, a Julieta não era macumbeira nem nada, mas começo a desconfiar que existe algo por trás de tudo isso.

Acabei comprando um tijolo do Nico. Os desenhos da TV a cabo realmente ficam muito mais divertidos assim.

Foi na casa dele assistindo à TV que tive meu *insight*. Lá estava ela, na novela com a maior audiência do Brasil. Natasha Fernanda. Deusa de pele clara, olhos clichê de jaboticaba, cabelos lisos, dentes mais brancos que a própria pasta de dente e uma voz rouca com sotaque carioca totalmente irritante. Na história, ela interpretava Roberta, uma patricinha megera pela qual um rapaz era completamente apaixonado. Pobre rapaz, sofria muito nas mãos da Roberta. Era um total capacho. No



capítulo que vi, a menina fazia o cara percorrer a cidade para encontrar um sapato, que ao fim ela tacava no lixo durante uma crise de histeria.

Foi naquele momento que finalmente percebi o que precisava ser feito. Nenhum tipo de vingança pela raça masculina surtiria tanto efeito na mídia quanto esta: acabar com as Robertas, eliminar as Natashas Fernandes. Ela era um símbolo das mulheres que nos fodem e ainda quebrarão muitos outros corações. Famílias chorariam, haveria comoção em todo o país pela morte da atriz da novela das oito. Basicamente, era bem simples o meu plano: matar Natasha Fernanda.

Não haveria muito que perder, mas muito a ganhar. Notoriedade, fama, um verbete na Wikipedia, entrevistas e todo um país que me conheceria. No máximo perderia meu emprego, o que acabaria sendo um favor pra mim. Terminei faculdade, nunca fiz nada de errado na vida. Ou seja, um réu primário com prisão especial.

Que morra Natasha e que Jennifer aprenda!



6.

Pesquisando na Internet, descobri que Natasha tem 25 anos. Três anos a menos que eu. Ganha por um comercial de margarina mais dinheiro que meu emprego me daria se eu trabalhasse ininterruptamente em dez anos. Descobri também um ensaio sensual dela. Nada de mostrar peitos e partes pudendas, só fotos provocantes. Exatamente como ela, exatamente como sua personagem na novela das oito.

Na sua página pessoal na Internet existe até um *portfolio* de namorados! Que coisa absurda! Ela cita lá todos os romances que teve, até um com um ator hollywoodiano. O mais famoso do seu currículo foi o ex-cantor de uma banda chiclete *pop* que hoje está no ostracismo. Bem que me lembro de ter visto muitas capas de revista de fofocas com os dois. O fim do namoro foi um banquete para a imprensa marrom. O cantor de brega *rock* dava sua versão, dizendo que quando ele a pediu em casamento, ela não aceitou e terminou tudo. Já Natasha bradava que tinha flagrado o roqueiro com uma *groupie* no camarim. “O pior de tudo, é que ela era feia e baranga”. Essa foi capa da revista de



fofocas de que me lembro. Atualmente ela está namorando um ator B de uma série Z da televisão. Um cara patético e perdedor, mas com pinta de galã, pois é isso que importa para ela.

Descobri no seu *blog* que daqui a três semanas Natasha estará em Curitiba para apresentar sua peça, sucesso de público e crítica em todo o Brasil. Nunca estive tão decidido. Matarei Natasha no Teatro Guaíra e o país aprenderá.



7.

Fui fazer pesquisa de campo. Entrar no Guafrá foi a coisa mais ridícula do mundo. Um amigo da minha ex faz estágio na assessoria de imprensa de lá. Cheguei com um pretexto besta qualquer, disse que sempre tinha sonhado em conhecer os bastidores do teatro, e consegui fazer um *tour* pelo palco, platéia e camarins. Existem três camarins principais. Perguntei ao cara se era num desses que a fútil da Natasha ficaria. “Sim, sim. Recebemos hoje a lista de exigências dela”, respondeu o estagiário.

Dez toalhas brancas, frutas bizarras, fibras e iogurte desnatado, conexão à Internet. Nada demais. Confesso que fiquei decepcionado com a lista da cadela. Esperava mais coisas bizarras.

Também perguntei se ele poderia me conseguir uma entrada grátis para o primeiro dia da apresentação. Será muito melhor matá-la no primeiro dia; assim, além de provocar comoção nacional, sua morte também trará prejuízo para produtores, artistas e para todo esse povo bizarro e efusivo que é envolvido



com teatro. Infelizmente, não consegui a entrada grátis. Será que terei de pagar para matar Natasha?

Pelo menos o jornal do vizinho, no qual lia diariamente a sinopse das novelas para saber o que a Roberta estava aprontando, era de graça.



8.

O plano é o seguinte. O maconheiro do Rods tem um amigo que trabalha em um jornal furreca da cidade e posso conseguir uma credencial de jornalista para chegar bem perto de Natasha. Levo um desses gravadores portáteis, um bloco de papel, uma caneta e é isso. Essa menina é tão superficial e idiota que nem sentirei remorso. Além do mais, a lição precisa ser dada. Já imagino os quilos de *e-mails* de gente me parabenizando. Minha história se transformando em livro, em filme. Se fosse um filme nacional, gostaria que o Selton Mello me interpretasse. Se fosse um americano, quem sabe o Ewan McGregor; ou, se quisessem fazer algo mais intelectual, o Phillip Seymour Hoffman.

Um dia antes de matar aquela ridícula, passo na redação do jornal, pego minha credencial e beleza. Agora só preciso encontrar uma arma. Faca, revólver? Estrangulamento ou tiro à queima roupa?

Decidi pelo calibre .38. Afinal, um assassino que se dá ao respeito usa um revólver. Uma faca pareceria amador demais. Fora isso, vai que a Natasha conhece uns golpes de Krav Magá e



me imobiliza? O revólver não dá chance.

Passaria na casa da Poli depois do teatro. Sei que o pai dela tem uma arma. Sei disso porque uma vez ela me mostrou onde ele guardava. Eu chegaria lá e comentaria que estava com fome. Aí ela certamente me prepararia algum sanduíche, miojo ou me traria um pacote de Doritos. Basicamente qualquer refeição que não duraria mais de três minutos de preparo. Mas esses são exatamente os três minutos suficientes para que eu fosse até o esconderijo onde estava a arma. Seria um empréstimo. Em dois dias eu voltaria e faria a mesma cena: invento a fome, ela prepara algo e coloco a arma no lugar. Nunca ninguém perceberá que ela saiu de lá.

Poli é linda, inteligente e adorável, mas é uma vaca. Nunca tivemos nada e nunca teremos. Ela é do tipo de gente que acha que melhor amigo é aquele que concorda com tudo que você faz e assina embaixo, em vez de confrontar e mostrar que você pode estar errado. Ela é uma garota extremamente namorável, principalmente se você é um cara que não se importa de passear com uma guria e uns sete caras diferentes, que já a comeram, vierem cumprimentar.



9.

Encontrei Jennifer na rua, ela estava indo revelar umas fotos. Odeio quando ela coloca o cabelo para trás daquele jeito. Fica estonteantemente foda. É nítido que nunca disse isso pra ela; talvez, se tivesse dito, seria diferente.

Deu vontade de gritar na cara dela que ela á uma puta. Como é que ela vai para um lugar para o qual eu a convidei e leva outro cara? E ainda beija? E ainda um cara Zé Bunda como aquele? Mas claro que fui educado, perguntei como anda a vida e blablabla. Essas coisas de quem não está realmente nem um pouco interessado em saber como está a vida alheia. Fiquei esperando um comentário sobre aquele dia fatídico no Kubrick, mas ela não falou nada. Aquela sua felicidade irritante de alguma maneira reacendeu minha raiva. O jeito que ela respondeu ao meu simples “tudo bem?” foi a gota d’água. “Tudo bárbaro”, disse. Vai se catar! Quem é que no mundo responde “Tudo bárbaro”? Talvez no dia em que eu ganhar na loteria e pegar a Liv Tyler! Aí sim respondo “Tudo bárbaro comigo”.



Queria encher ela de porrada naquele exato momento. Pena não andar pelo centro de Curitiba com meu revólver na mão; seria mais um corpo estendido no chão da Rua XV. Respirei fundo e pensei grande. Uma lição muito maior estava prestes a ser dada. Foquei toda a minha raiva na puta da Natasha.



10.

Amanhã é o grande dia. Tudo já está tudo ensaiado e acertado. A entrevista vai ser a sós no camarim. Ensaiei umas perguntas sobre a peça e também sobre o sucesso da sua personagem na novela, sua infância etc.

A arma tem cinco balas somente. Lembro que num filme o cara compra uma arma com um russo e não a testa. Quando ele precisa usá-la, a maldita não funciona. Testei o 38 essa madrugada na minha *kitchenette* mesmo. Coloquei umas três listas telefônicas, uma atrás da outra, e juntei com uns xerox velhos da faculdade. Coloquei uma garrafa de Coca de dois litros na frente, fui o mais longe que conseguia dentro da sala e atirei. Um baita barulho, mas achei incrível que nenhum vizinho reclamou. Mirei na parte de cima da garrafa, mas acertei embaixo. Só saiu uma lasquinha da parede.

Hoje Natasha deu uma entrevista ao *Jornal do Almoço* sobre a peça. Estava linda e simples. Calça *jeans*, um suéter preto, cabelo escorrido e uns óculos que a deixavam charmosíssima. Imaginei que se ela tivesse perfume de baunilha seria a mulher



mais perfeita do mundo. Por um momento tive pena de ter de matá-la. Talvez nem fosse uma má pessoa... Mas logo em seguida ela falou uma frase muito imbecil sobre o escândalo com o roqueiro ex-namorado e a raiva voltou ao seu lugar. “Fui muito machucada, eu realmente o amava”. Mentira em plena rede de TV estadual!

É isso, dona Natasha Fernanda, amanhã você será sacrificada em nome de uma lição maior para esse bando de mulheres como você. Mulheres lindas que devastam nossa vida, zoam nossa cabeça e nos deixam na merda. Fazem a gente acreditar que tudo é doce, lindo e azul, mas de repente chegam ao *show* do Poléxia com outro cara e depois o beijam na nossa frente!

11.

O Guaíra lotado parece ainda maior. A Natasha nem tem um grande papel na peça. É apenas a filha da protagonista. Não entendi pra que tanto alarde na imprensa curitibana se nem principal a menina é. Sinto que há um público jovem no teatro que parece só ter vindo por causa dela. Em uma cena ela aparece de *baby doll*. A guria é foda. Foda, mas vai sofrer as conseqüências de ser a mulher que melhor exemplifica meus problemas. Imagino a cara da Jennifer quando me vir nos noticiários, depois de eu ficar conhecido como o “maníaco do Guaíra” ou o “louco de Curitiba”. Imagine o que ela vai pensar quando os repórteres lerem a minha carta explicando o porquê do crime! Aprenda, Jennifer.

A peça acaba e vou ao camarim. Há uma fila lá. Ninguém nem olhou direito minha credencial. A repórter do caderno de cultura atrás de mim estava puta por ter de entrevistar Natasha. Acha um absurdo ter de ficar quinze minutos esperando essa ridícula. Cedo meu lugar na fila, para ser o último de todos. Pela primeira vez desde que comecei a arquitetar meu plano penso em deixar menos pistas.



Depois de trinta minutos entro no camarim. Natasha está vestindo saia e blusa pretas. Cabelo preso, com alguns fios caindo na testa. Óculos de grau fraco e uma cara de quem parece ter saído do banho. Ela sorri e pede para que eu sente no sofá ao seu lado. Ela é estonteante. Que mulher foda!

Gaguejo um pouco até fazer a primeira pergunta ensaiada:

– É a sua primeira vez aqui em Curitiba?

Ela morde uma maçã verde e fala que não, de boca cheia. Acho isso lindo. Uma atriz sem frescuragem. Diz que sempre vem à cidade mas nunca conheceu nada. É louca para conhecer a Rua 24 horas e nunca pôde ir. Acho engraçado e digo que esse lugar é uma bosta, uma verdadeira farsa. Ela elogia meu All Star e mostra que tem um par igual no armário. Damos risada juntos. Digo que não faz sentido visitar a Rua 24 horas se não for de madrugada. Ela, com um sorriso lindo e seu sotaque carioca forçadíssimo, diz que já são mais de “douze” horas e que se não for agora não vai nunca mais a esse lugar. Ofereço meus serviços de guia e ela topa.

A entrevista acaba ali mesmo. Digo que já tenho as informações necessárias pra minha entrevista. Natasha termina de juntar suas coisas e vou seguindo seus passos até a *van*. Ela diz pro motorista que não vai para o hotel e pede que eu passe



o endereço para o cara. Como se alguém precisasse saber o endereço de uma atração turística!

Chegando lá, ela se encanta com o lugar. Eu continuo falando que é uma bosta e damos muitas risadas. Mostro a banca de jornal onde as mulheres que aparecem na Playboy sempre vêm dar autógrafos. Digo que logo logo será a vez dela.

– Imagina! Nunca! Minha mãe me mata...

Sentamos e comemos uma pizza com palitinhos no melhor estilo *trash* da madrugada. A Rua 24 horas de madrugada é tão decrépita que nenhum fã vem abordar Natasha. Tento não parecer bobo demais e faço algumas perguntas sobre sua vida. Ela está à vontade e fala sobre seus romances, a merda de vida que leva, as coisas que ela tem vontade de fazer e nunca faz e o quão feliz ela está por estar comendo aquela pizza vagabunda numa madrugada de sexta para sábado. Natasha pega minhas mãos, olha com aqueles olhos grandes para mim e apenas diz “obrigada”.

Sábado tem mais uma apresentação no Guáira, mas ela só volta para o Rio no domingo à noite. “Adoraria conhecer a cidade”, desabafa.

– Eu levo você!

– Oba!





Ela anota meu telefone e diz que me liga cedinho para a gente dar uma volta. Ainda não acredito que a queridinha do Brasil tem meu número de telefone no seu celular. Pego uma carona com aquele mulherão na *van*. Ela está cansada e apóia sua cabeça no meu ombro. Sem saber o que fazer, apenas dou uma cheirada no cabelo “global” e faço um cafuné. Ela faz algo que não existe palavra para explicar. Algo que os cachorros fazem quando você faz um cafuné. Um tipo de espreguiçada que mostra que eles gostaram e que querem mais carinho. Penso em beijá-la, mas não tenho coragem. Qualquer homem tentaria beijá-la agora. Mas não sou qualquer homem.

Chegando ao meu prédio, ela levanta do meu ombro e me dá um beijo quase na boca. Elogia a arquitetura do meu bairro e diz “boa noite e até domingo”.

Pego o elevador num frenesi de felicidade. Terei um dia inteiro com uma mulher linda, frágil, carinhosa, sincera e com o sotaque mais lindo da face da terra.

Só na hora de colocar o pijama lembro-me daquele plano ridículo de querer matá-la. Vou dormir feliz e contente. Domingo terei um encontro com um possível novo destino: Natasha ou, como ela mesma pediu, “Naty”.

12.

São duas horas da tarde de domingo e Naty não me ligou. Será que perdeu meu número? Ou anotou errado? Liguei para o hotel, deixei recado, mas falaram que não podem passar a ligação sem a senha especial. Abro a porta do apartamento e dou uma folheada no jornal de domingo do vizinho. Está lá a matéria que a repórter amargurada a quem cedi lugar na fila fez. Naty está angelical na foto. Não posso sair de casa porque a qualquer minuto ela pode me ligar.



FIM

HOT FUSS

SOBRE A BANDA

A banda The Killers foi criada em Las Vegas em 2002 e tomou de assalto o *mainstream* com os *singles* "Somebody Told Me", "Mr. Brightside", "When You Were Young" e "Read My Mind". Formada por Brandon Flowers (vocalis e teclados), Dave Keuning (guitarra e vocalis), Mark Stoermer (baixo e vocalis) e Ronnie Vannucci Jr., (bateria e percussão), lançou seu primeiro álbum, *Hot Fuss*, em 2004 e *Sam's Town* em 2006. Juntos, já bateram nove milhões de cópias vendidas.

CRÉDITOS ORIGINAIS

HOT FUSS - THE KILLERS

Capa de Louis Marino e Seth Goldfarb

Lançado em 7 de junho de 2004

Selo Lizard King (UK), Island (U.S.), Universal (Japan, France)

Produzido por Jeff Saltzman, The Killers, Brandon Flowers

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.thekillersmusic.com



SOBRE O AUTOR

Túlio Pires Bragança nasceu em 1982, é publicitário (mas se formou em Relações Públicas) e atualmente vive em Buenos Aires, onde trabalha numa rede de televisão. Quando lhe perguntam de onde é, nunca sabe responder direito porque nasceu em Timóteo (MG), foi criado em Santos e morou seis anos em Curitiba. Também assina uma coluna de TV para o *site* Bonde e tem o *blog* Aires Buenos onde reflete sobre sua condição de brasileiro vivendo na Argentina.



ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.



S4 HOT FUSS

THE KILLERS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. JENNY WAS A FRIEND OF MINE
2. MR. BRIGHTSIDE
3. SMILE LIKE YOU MEAN IT
4. SOMEBODY TOLD ME
5. ALL THESE THINGS THAT I'VE DONE
6. ANDY, YOU'RE A STAR
7. ON TOP
8. GLAMOROUS INDIE ROCK & ROLL
9. BELIEVE ME NATALIE
10. MIDNIGHT SHOW
11. EVERYTHING WILL BE ALRIGHT

